

MUENDAJU, 2004), com o início de pesquisas sistemáticas na região nas décadas de 1940-1950 (EVANS, 1950; MEGGERS, EVANS, 1957; HILBERT, 1957). Mesmo com alguns hiatos, a arqueologia no Amapá manteve uma tradição de pesquisa voltada à história antiga da região, e que mais recentemente foi fortalecida e ampliada com a fixação de núcleos de pesquisa em instituições locais¹.

Apesar deste longo histórico, chama a atenção a pouca relevância que estudos de arte rupestre exerceram para a arqueologia no Amapá, especialmente se comparamos com regiões vizinhas, como Pará e Guiana Francesa, onde foram desenvolvidas verdadeiras escolas de pesquisa dessa temática (PEREIRA, 2004a; MAZIÈRE, 2008). Neste sentido, é interessante ressaltar que, diferentemente das regiões vizinhas, a pouca atenção dada à arte rupestre no Amapá já é aparente desde os primeiros relatos de viajantes no século XIX, que quase não mencionam este tipo de fenômeno arqueológico nestas terras (COUDREAU, 1886-7; GOELDI, 1905). Este pode ser um indício de que este tipo de expressão cultural teve de fato baixa repercussão na história de ocupação desta porção da Amazônia, o que não significa sua ausência, como já demonstrado por Pereira (2004b) e reforçado por nós neste trabalho.

Apesar disso, é possível também que haja falhas nas estratégias de pesquisa desenvolvidas até o momento, resultando na baixa visibilidade destes registros, com poucos sítios deste tipo identificados. Esta é uma hipótese que tem sido avaliada por nós nos últimos anos, mas que requer ainda um maior acúmulo de informações para ser validada ou rechaçada. De fato, ainda carecemos no Amapá de pesquisadores com linha de pesquisa focada em arte rupestre, o que poderia gerar mais conhecimento sobre este tipo de contexto arqueológico. Na ausência de especialistas em arte rupestre, nos aventuramos aqui a compartilhar o conhecimento que construímos sobre este tipo de sítio arqueológico no Amapá em pesquisas acadêmicas e preventivas na última década.

O que trazemos neste trabalho é um levantamento atualizado dos sítios de arte rupestre, abarcando registros que foram realizados majoritariamente em pesquisas de campo, mas que também compreendem referências já publicadas. Além destes, também incluímos dois relatos breves coletados entre povos indígenas, para os quais ainda não temos informações mais detalhadas.

Neste contexto, considerando que nenhum de nós é especialista em arte rupestre, salientamos que a síntese aqui apresentada busca apenas contribuir para a ampliação do conhecimento sobre um quadro mais amplo da arqueologia desta região. Nossas reflexões aqui são guiadas pelo conhecimento dos contextos arqueológicos com os quais estes sítios parecem estar relacionados (não necessariamente de modo direto) e carecem de estudos detalhados sobre técnicas e estilos. Nosso intuito, de certo modo, é demonstrar o potencial desta área de pesquisa no Amapá e quem sabe atrair interesses de colegas para continuar pesquisas nesta temática.

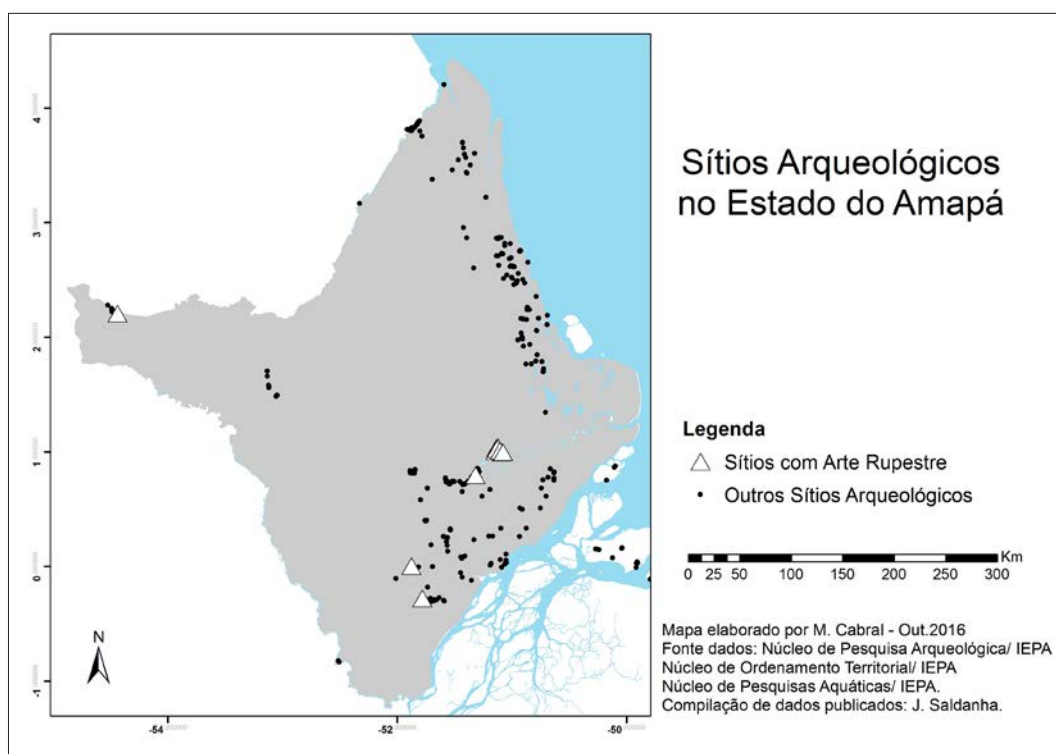
Antes de entrarmos na apresentação destes sítios, é importante explicar que optamos por adicionar no conjunto aqui descrito um tipo de sítio arqueológico que parece se mostrar uma expressão consistente nesta porção das Guianas: os arranjos de blocos de rochas ou “*assemblées de pierres*”, como denominado na Guiana Francesa, onde eles foram primeiramente registrados (HURAUULT, FRENAY, RAOUX, 1963; ROSTAIN, 1987; MAZIÈRE, 1997, 2008). Este tipo de sítio não é usual nas discussões sobre arte rupestre, que normalmente abarcam sítios com pinturas ou gravuras sobre suportes rochosos (PROUS, 1992; PEREIRA, 2004a; VIALOU 2014). No entanto, optamos aqui em seguir a classificação já em uso nesta porção da Amazônia

(MAZIÈRE, 1997, 2008; PEREIRA, 2017), entendendo que estes arranjos de blocos foram produzidos no intuito de expressar ideias de modo figurativo e simbólico e, portanto, são entendidos por nós como correlatos a sítios com pinturas e gravuras, ainda que fazendo uso de técnicas distintas de produção.

Inicialmente, estes sítios de arranjos de blocos de rocha pareciam estar restritos a composições de pequenos blocos de rocha sobre lajedos (HURAUULT, FRENAY; RAOUX, 1963; ROSTAIN, 1987; MAZIÈRE, 1997, 2008). No entanto, recentemente observamos uma variação deste tipo, com o arranjo de blocos diretamente no solo, como mostraremos a seguir.

Vale ressaltar ainda que não estamos incluindo neste conjunto os sítios arqueológicos formados por grandes blocos de rocha, aos quais nos referimos como sítios megalíticos (CABRAL; SALDANHA, 2008; SALDANHA, CABRAL, 2016). A distinção que fazemos entre sítios de arranjos de blocos e sítios megalíticos refere-se não apenas ao tamanho dos blocos, mas também ao modo como são construídas as estruturas. Nos sítios de arranjos, os blocos podem ser movimentados com facilidade por uma única pessoa e são dispostos diretamente sobre os lajedos ou sobre o solo. Já nos sítios megalíticos, a maior parte dos blocos requer mais de uma pessoa para sua movimentação, além disso, muitos blocos foram inseridos em fundações no solo (ou alvéolos²), sendo, portanto, fixados em posições rígidas, praticamente impedindo sua mobilidade.

Deste modo, o conjunto de sítios que apresentamos neste artigo abarca lajedos ou blocos com gravuras, abrigos com pinturas e duas variações de arranjos de bloco: sobre lajedado e diretamente no solo. A localização desse tipo de sítio também se destaca pela distribuição espacial dos tipos observados, como mostraremos a seguir. Ao todo, reunimos informações sobre 13 locais com presença de arte rupestre no Estado do Amapá, um número baixo quando comparado com as centenas de outros sítios arqueológicos registrados (ver Figura 01).



Deste conjunto de sítios com arte rupestre no Amapá, as duas referências coletadas entre povos indígenas ainda carecem de localização geográfica precisa, não sendo representadas na Figura 1. No entanto, elas estão localizadas ao sudoeste do Estado (possivelmente no médio Rio Jari, que faz limite com o Estado do Pará) e ao norte (próxima à cidade de Oiapoque, no limite com Guiana Francesa). Com isso, temos um contexto de distribuição espacial deste tipo de sítio muito interessante, pois estão dispersos por praticamente todo o estado.

Esta distribuição também é interessante do ponto de vista da variedade de tipos observados. Na Figura 2, é possível observar que o único padrão claro de distribuição refere-se aos sítios que estão concentrados nas proximidades da Pedra do Índio³. Ali estão localizados os únicos três sítios conhecidos, até o momento, de arranjos de blocos diretamente no solo. Há ainda, neste conjunto, quatro sítios de gravuras. No entanto, é importante destacar que as duas referências não espacializadas (no Rio Jari e próximo ao Oiapoque) são de sítios com gravuras, indicando que a concentração deste tipo de sítio no mapa não representa a realidade.

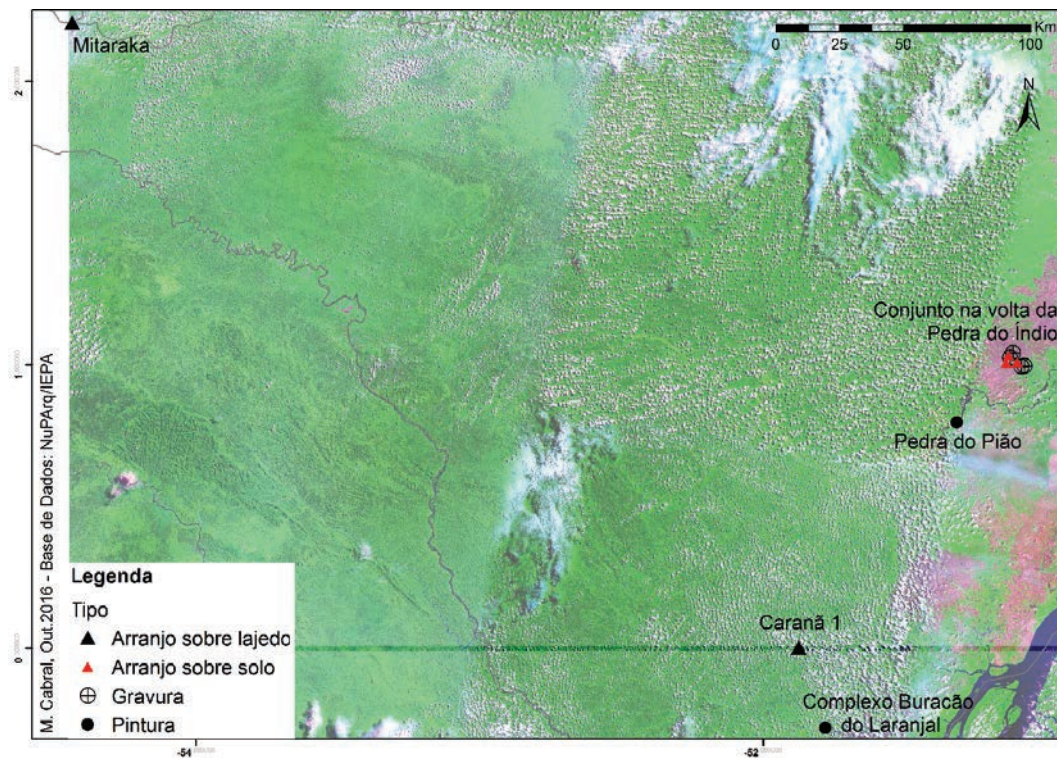


Figura 2: Distribuição dos tipos de sítios com arte rupestre no Amapá

Já no que se refere aos sítios de arranjos de bloco sobre o solo, até o momento seu registro está de fato restrito a uma pequena região no entorno do sítio Pedra do Índio. É interessante destacar, neste sentido, que para além de uma concentração espacial deste tipo de sítio, eles estão também localizados em um ambiente diverso. Como é possível observar na Figura 2, eles estão localizados em uma zona com vegetação de savana⁴ (Costa Neto, 2014), enquanto os demais sítios estão em áreas de floresta, ainda que o sítio Pedra do Pião e o Complexo do Buracão do Laranjal estejam nas proximidades de áreas de savana. Após apresentar, mais abaixo, cada um dos sítios, voltaremos a estas variações ambientais. Neste momento, destacamos que

– apesar de estarmos lidando com um conjunto pequeno de sítios – há uma distribuição dispersa dos diferentes tipos, o que demanda a intensificação de pesquisas a fim de testar conexões entre eles.

Para a apresentação dos sítios, optamos por agrupá-los nos tipos acima definidos, o que deve ser entendido como uma classificação preliminar, e que não implica necessariamente proximidades de estilo ou temas, mas sim de técnicas empregadas. Voltaremos a estas questões na porção final deste texto.

ABRIGOS COM PINTURA

Complexo do Buracão do Laranjal

As primeiras referências à presença de sítios com arte rupestre no Amapá remontam ao século XIX. Aureliano Pinto de Lima Guedes (1897), em seu relatório sobre uma missão na região do atual município de Mazagão (porção sul do Amapá), apontou a existência de pinturas vermelhas em abrigos, incluindo um antropomorfo. O desenho de Lima Guedes sobre esta figura, no entanto, demorou mais de um século para ser publicado. Foi apenas em 2004, no único artigo voltado à arte rupestre no Amapá, que Edithe Pereira (2004b) publicou sua prancha, o que permitiu à autora relacionar o sítio descrito por Lima Guedes com o abrigo registrado por Igor Chmyz e Eliane Sganzerla sob o nome de Abrigo do Tracuí (CHMYZ, 2006).

De acordo com Pereira (2004b), as pesquisas realizadas por Klaus Hilbert e Mauro Barreto nesta mesma área também relacionavam abrigos com pinturas com aquele descrito por Lima Guedes (HILBERT; BARRETO, 1988). No entanto, reunindo as informações das três pesquisas (LIMA GUEDES; CHMYZ; SGANZERLA; HILBERT; BARRETO), Pereira concluiu que o local visitado por Lima Guedes devia ser o mesmo chamado de Abrigo do Tracuí por Chmyz e Sganzerla, mas não corresponderia ao local visitado por Hilbert e Barreto (chamado de Gruta do Buracão do Laranjal).

Nos últimos anos, tivemos muitas oportunidades de visitar esta área, e um de nós inclusive realizou uma pesquisa etnográfica sobre as percepções dos moradores a respeito dos vestígios arqueológicos e das pesquisas a eles associadas (COSTA LEITE, 2014), acessando uma visão local também sobre a toponímia desta área. Do ponto de vista das pessoas que moram neste entorno, todo o conjunto de abrigos – que se estende em um afloramento ao longo de mais de 600 metros – é visto como um único local, chamado de Buracão do Laranjal (ou Buracão).

Nas inúmeras visitas à área, fomos percebendo que a presença de pinturas estende-se para além do Abrigo do Tracuí e da Gruta do Buracão, distantes cerca de 300 metros entre si. Optamos, com isso, definir esta área – do ponto de vista de sítios arqueológicos – como o Complexo do Buracão do Laranjal.

Este Complexo é formado pelos sítios Abrigo do Tracuí e Gruta do Buracão do Laranjal (seguindo PEREIRA 2004b), e se estende ainda a noroeste com a presença de outros pequenos abrigos. Ao todo, há a presença de pinturas vermelhas em uma área de cerca de 500 metros de extensão.

429 A Gruta do Buracão do Laranjal, onde Hilbert e Barreto (1988) escavaram, está a pouco mais de 250 metros do leito da Rodovia BR-156, e define o extremo

sudeste deste Complexo. Como já descrito por Pereira (2004b, p. 368), “os motivos predominantes são os grafismos puros representados, entre outros, por círculos concêntricos e espirais”, além de raras figuras antropomorfas, identificadas pela autora. Notamos ainda que o sítio é formado por diversos painéis, dispostos em pequenos abrigos.

No outro extremo do Complexo (noroeste), a quase 500 metros de distância, há outro conjunto de pequenos abrigos ou mesmo de simples abas formadas por grandes matacões de rocha com pinturas vermelhas (Figura 3). Sobre um destes pequenos abrigos com pinturas, passa agora uma linha de transmissão de energia (Linhão de Tucuruí), apesar de uma denúncia feita em 2009 ao IPHAN, alertando para os riscos deste empreendimento ao patrimônio desta região e solicitando alterações no traçado⁵.

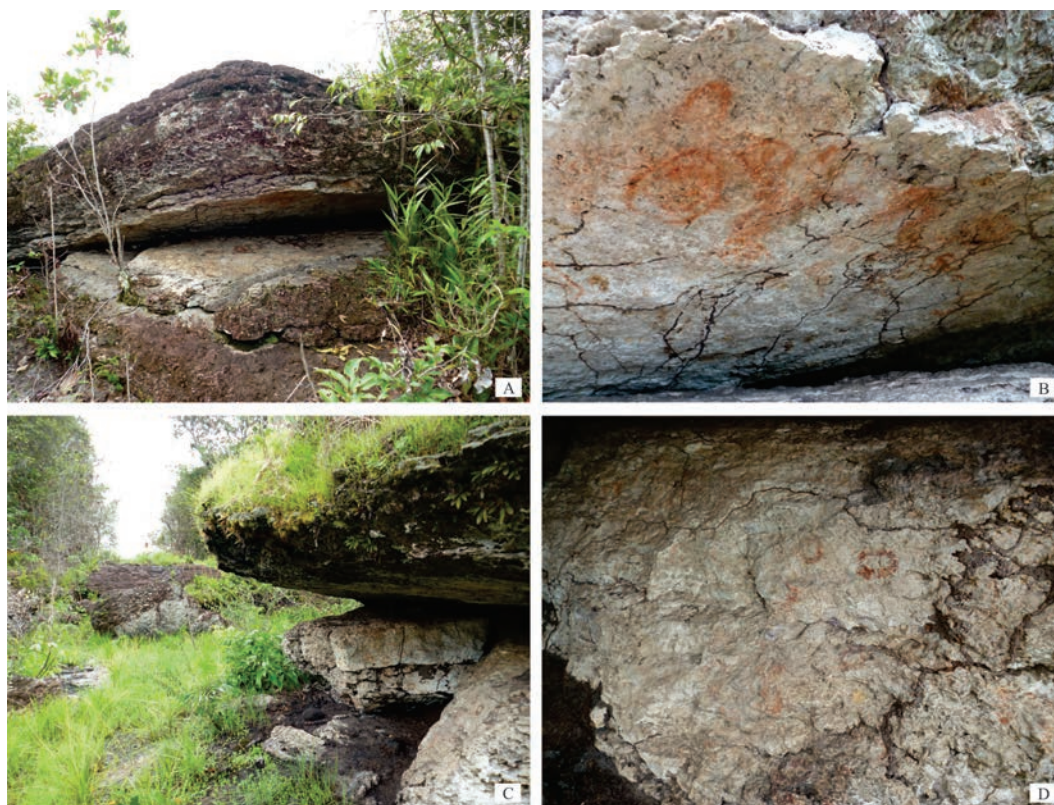


Figura 3: Complexo do Buracão do Laranjal, porção noroeste.

Legenda: A,B-vista geral e detalhe de pequena aba com pinturas vermelhas; C,D-vista geral e detalhe de abrigo com pinturas vermelhas (círculos), localizado exatamente no eixo do Linhão de Tucuruí (note picada evidente na foto c).

Fotos: Acervo IEPA.

Entre os dois extremos, está localizado o Abrigo do Tracuá, que contém a figura antropomorfa relatada por Lima Guedes (Figura 4), além de outra menos evidente. No entorno deste abrigo, com entradas através de corredores entre os matacões de rocha, há outros abrigos, alguns deles contendo pequenas figuras pintadas em vermelho, sobretudo, no teto (Figura 4).

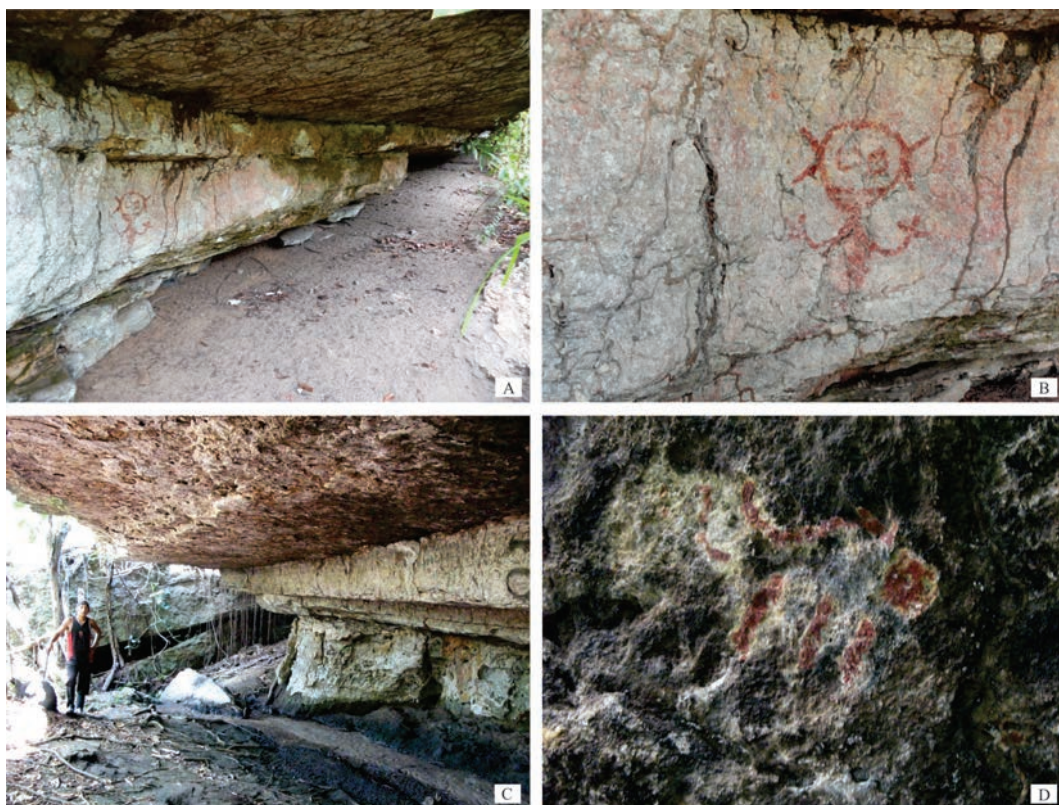


Figura 4: Complexo do Buracão do Laranjal, porção central.

Legenda: A,B- Abrigo do Tracuá; C,D- vista geral e detalhe de abrigo sem nome (para trás do Tracuá), com pinturas no teto.

Fotos: Acervo IEPA.

Pereira (2004b) também faz menção a outro possível abrigo com pinturas na mesma região deste complexo, relatado por Simões e Araújo Costa (1978). Estes autores referem-se a informações de William Farabee republicadas por Meggers e Evans (1957, p. 76). Farabee relatava, no trecho transcrito por Meggers e Evans (1957), a presença de cabeças delineadas em vermelho e branco no fundo de uma caverna no Igarapé do Lago. O Igarapé do Lago é a região conhecida por conter abrigos com as chamadas urnas Maracá, um conjunto singular de urnas funerárias antropomorfas e zoomorfas dispostas em abrigos e cavernas desta região (para uma síntese, ver GUAPINDAIA, 2008).

Na descrição de Farabee, a caverna com pinturas tinha “muitas urnas funerárias na forma de homens sentados” (FARABEE, 1916 apud MEGGERS; EVANS, 1957, p. 76), porém já bastante fragmentadas pela ação de animais. É interessante ressaltar que as pesquisas intensivas no Igarapé do Lago, conduzidas por Vera Guapindaia e Ana Lúcia Machado na década de 1990, não identificaram esta associação de cavernas funerárias Maracá com pinturas rupestres (GUAPINDAIA, MACHADO, 1997; GUAPINDAIA, 2008).

Pedra do Pião

O sítio Pedra do Pião está localizado no Município de Ferreira Gomes, região mais central do estado. Ele foi registrado por Manuel Calado durante as atividades

BRAL; CALADO, 2014) sendo, posteriormente, foco de atividades de resgate sob a coordenação de João Saldanha (SALDANHA; CABRAL, 2015).

A Pedra do Pião é uma grande rocha granítica na beira do Rio Araguari (Figura 5). Ela foi um ponto de referência importante para as pessoas que moram na região, sendo frequentada por banhistas e pescadores ocasionais, que faziam pequenas fogueiras no interior do abrigo. O abrigo não tem sedimentação e costumava ser sazonalmente alagado no período de chuvas, com marcas do nível de água acima da linha de pinturas. Estes impactos humanos e naturais contribuíram para uma baixa preservação das pinturas, dificultando seu registro.



Figura 5: A vista geral da Pedra do Pião

Legenda: B,C,D-pinturas e processo de destaque com software DStretch

Fotos: Acervo IEPA.

Nota: Processamento das figuras: J. Saldanha.

As pinturas são formadas por composições em vermelho, aplicadas no teto do abrigo. Devido à dificuldade de observação a olho nu foi empregada a ferramenta *DStretch*, utilizada como *plugin* no *software ImageJ*. Este *plugin*, desenvolvido especialmente para o tratamento de imagens de arte rupestre, permite realçar cores específicas nas imagens, possibilitando a visualização mais nítida a partir de fotos das pinturas. Com isso, foi possível visualizar imagens de antropomorfos e um possível ofídio (Figura 5-B,C,D).

Próximo ao abrigo, distante cerca de 50 metros da beira do rio, também foi identificado um sítio com material lítico (núcleos e lascas de quartzo), denominado de Pedra do Pião 3. É um sítio de pequenas dimensões (15mX5m). As escavações mostraram uma camada arqueológica de 8cm de espessura, com uma densidade média de 20 peças líticas por metro quadrado (SALDANHA; CABRAL, 2015). Foram coletadas amostras de carvão para datação que ainda não foram realizadas. Supomos que os dois sítios tenham conexão.

É interessante destacar que as prospecções que resultaram na identificação destes sítios abarcaram uma área de cerca de 50km ao longo do leito do Rio Araguari e suas imediações, com o registro de 62 sítios arqueológicos (SALDANHA; CABRAL; CALADO, 2014), sendo que o sítio Pedra do Pião é o único com arte rupestre.

SÍTIOS COM GRAVURAS

Pedra do Índio

Também localizado no município de Ferreira Gomes, a cerca de 35km da Pedra do Pião no sentido Nordeste, a Pedra do Índio faz parte de um conjunto de quatro sítios de lajedos com gravuras (descritos na sequência). Estes sítios, como mencionado mais acima, estão também espacialmente ligados aos sítios de arranjos de blocos sobre o solo (apresentados mais abaixo). Este é o único conjunto de sítios de arte rupestre no Amapá que está situado em área de savana.

A Pedra do Índio é um local de visitação frequente de turistas e curiosos no Amapá. O sítio foi registrado por Edithe Pereira no início da década de 2000 e publicado pela autora no já citado único artigo sobre arte rupestre do Amapá (PEREIRA, 2004b). Ele é formado por conjuntos de gravuras sobre um amplo lajedo e também sobre grandes matacões graníticos (Figuras 6 e 7). Do topo dos matacões, há uma ampla vista para o entorno. No lajedo, há uma grande quantidade de pequenos blocos soltos, os quais em alguns pontos nos fazem lembrar sítios de arranjos de blocos sobre lajedo. No entanto, devido à intensa visitação deste sítio, dos efeitos da dilatação térmica e da ausência de uma pesquisa sistemática, é prematuro afirmar a presença destes arranjos.

De acordo com Pereira, “os temas observados [das gravuras] são, basicamente, grafismos puros, entre os quais destacam-se os círculos, as espirais e as cruzes” (2004b, p. 368, 371). Para a autora, estas gravuras não se encaixam na Tradição Amazônia, carecendo ainda de uma classificação (p.374). A Pedra do Índio é o maior sítio de gravuras desta área, não apenas em área e aparente quantidade de grafismos, mas também na sua visibilidade na paisagem.

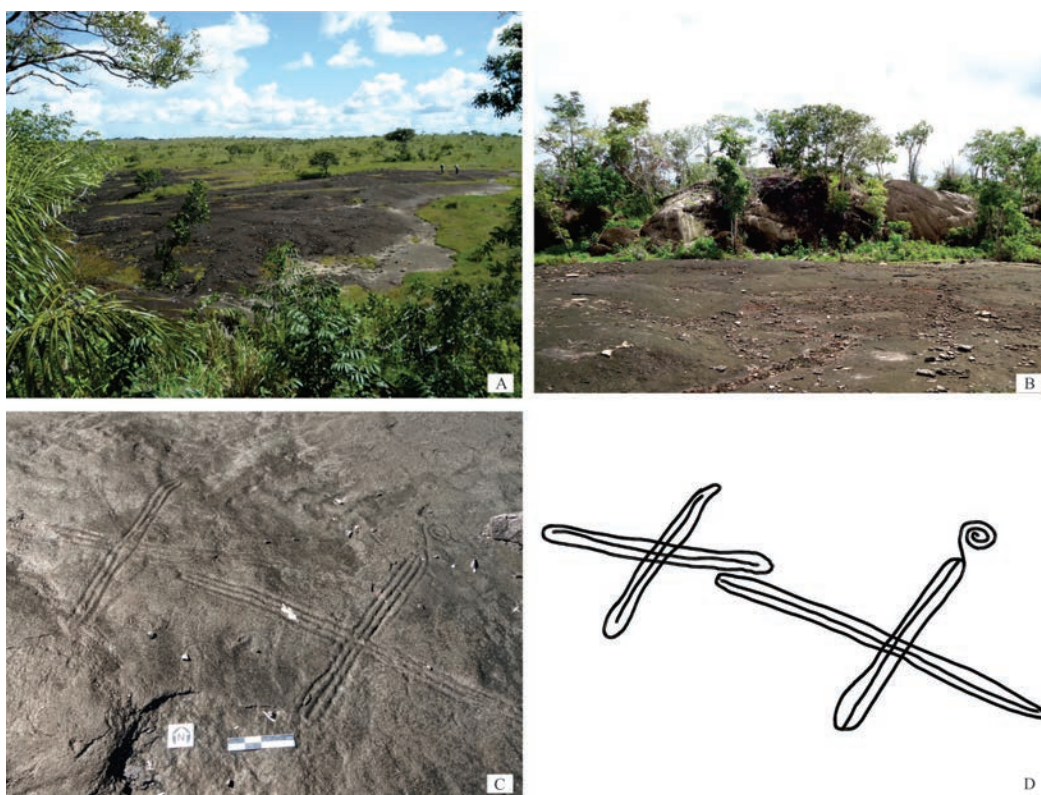


Figura 6: Sítio Pedra do Índio

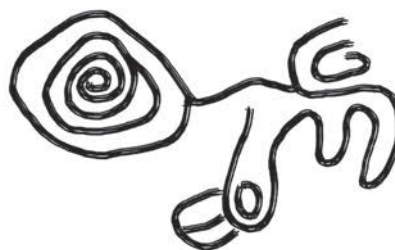
Legenda: A- vista geral do lajedo a partir do topo dos matacões. B- vista dos matacões a partir do lajedo. C,D- exemplo de gravuras.

Fotos: Acervo IEPA.

Nota: Desenho das gravuras: L.Costa Leite.



B



D

Figura 7: Outros exemplos de figuras do sítio Pedra do Índio.

Fotos: Acervo IEPA.

Nota: Desenho das gravuras: L.Costa Leite.

Pereira já indicava em 2004 problemas de preservação do sítio Pedra do Índio em função de ações humanas, situação que não foi alterada ao longo dos anos. De fato, nos últimos anos temos visto uma intensificação de visitas ao sítio, com marcas de pneus sobre o lajedo gravado e descarte de lixo.

Lajedo Gravado 2

Como mencionamos acima, a Pedra do Índio faz parte de um contexto arqueológico com outros sítios de gravura bastante similares nos temas dos grafismos. Eles foram identificados em projetos de arqueologia preventiva relacionados à implantação da mineradora Zamapá, que explora ferro nesta região, porém nenhum dos quatro sítios de gravura está localizado em área de mina, e todos devem ser mantidos intactos⁶.

O sítio Lajedo Gravado 2 foi registrado durante as atividades de elaboração do EIA/RIMA para esta mineradora (BRANDT AMAZÔNIA, 2010). Ele está localizado a pouco mais de 1000 metros de distância da Pedra do Índio, próximo à mesma estrada de acesso. Ele é formado por dois lajedos com gravuras, cada um com cerca de 50m² de área (BRANDT AMAZONIA, 2010, p.238), sem grandes matacões. Os lajedos estão em declive, em uma área que forma uma espécie de depressão no terreno. Com isso, diferentemente da Pedra do Índio, a visibilidade do entorno é muito reduzida, indicando um outro modo de implantação na paisagem.



Figura 8: Duas vistas do sítio Lajedo Gravado 2

Fonte: Fotos: Acervo IEPA.

Nota: note como o lajedo está em declive.

Lajedo Gravado 3

O sítio Lajedo Gravado 3 também foi registrado durante as atividades do EIA/RIMA para a mineradora Zamapá (BRANDT AMAZÔNIA, 2010). Ele está localizado no alto de um pequeno morro, em uma área composta por diversas formações em granito (lajedos e matacões). Ele é formado por dois lajedos com gravuras, distantes cerca de 20m entre si, com dimensões de 100m² e 50m² (BRANDT AMAZONIA, 2010, p. 434). No entorno, em meio aos afloramentos graníticos, existem áreas onde são visíveis fragmentos de quartzo hialino e leitoso em superfície, alguns com possíveis cicatrizes de lascamento.

A partir do sítio, temos uma boa visibilidade do entorno, o que se assemelha à Pedra do Índio. Neste sítio, no entanto, há um número menor de gravuras, e as mesmas estão localizadas apenas sobre o lajedo, não sendo presentes nos matacões, como observado na Pedra do Índio.

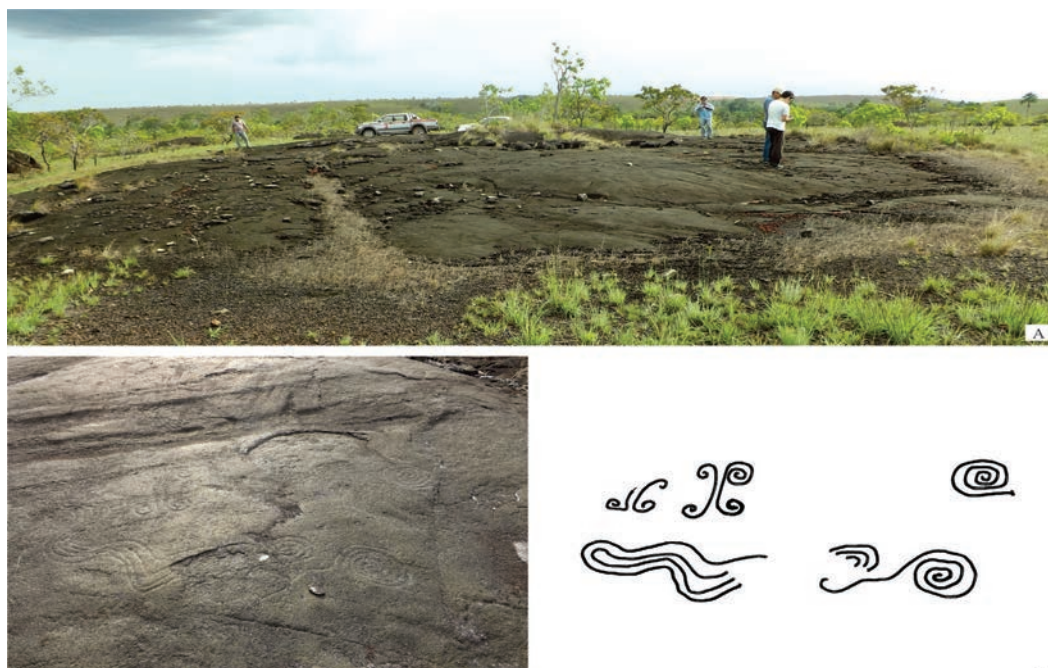


Figura 9: Lajedo Gravado 3

Legenda: A- vista geral de um dos lajedos (note visibilidade do entorno). B,C- exemplo de gravuras.

Fonte:Fotos: Acervo IEPA.

Nota: Desenho das gravuras: L.Costa Leite.

Lajedo Gravado 4

O sítio Lajedo Gravado 4 foi registrado durante as atividades de prospecção para a mineradora Zamapá (CABRAL *et al.* 2013). Semelhante ao Lajedo Gravado 2, este sítio também está situado em uma depressão no terreno, com visibilidade bastante restrita do entorno. Ele tem cerca de 100m de diâmetro.

O lajedo contém várias gravuras. Foram identificados mais de sete conjuntos, contendo triângulos, cruzes, círculos, espirais e triângulos combinados com outros grafismos.

Este é o único dos sítios com gravuras nesta área que está de fato dentro dos limites da mineradora, localizado próximo ao local do paiol, porém em área protegida de impactos.

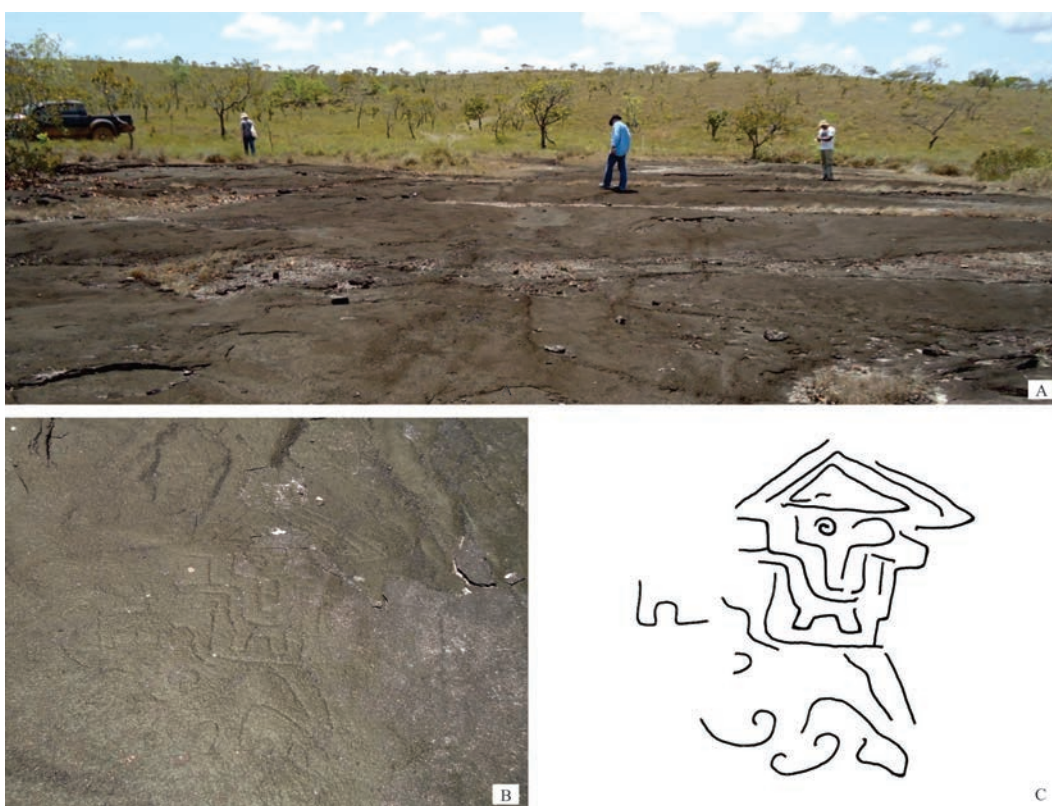


Figura 10: Lajedo Gravado 4

Legenda: A- vista geral (note localização em depressão no terreno). B, C- exemplo de gravura.

Fonte: Fotos: Acervo IEPA.

Nota: Desenho das gravuras: L.Costa Leite.

Sítios Não Georeferenciados

Considerando a baixa quantidade de sítios de arte rupestre conhecidos até o momento no Estado do Amapá, optamos aqui em inserir duas indicações que carecem de registro georeferenciado. Ambas advêm do conhecimento de povos indígenas.

A primeira delas foi registrada pela antropóloga Dominique T. Gallois durante a elaboração do componente histórico cultural para o plano de manejo do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque. Gallois registrou o conhecimento de indíge-

nas wajápi sobre um sítio arqueológico com gravuras na cachoeira Kumakakwa no Rio Jari, dentro dos limites do parque (GALLOIS, 2008, p.134), sendo este o único registro de arte rupestre coletado pela antropóloga. Nos últimos anos, uma de nós tem conduzido um projeto de pesquisa de arqueologia com os Wajápi (CABRAL, 2014), sem, no entanto, ouvir qualquer menção a outros sítios de arte rupestre.

Considerando que as informações são de um local dentro do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, e que seu limite sul, no rio Jari, está a quase 300km da foz (no rio Amazonas), ficamos cientes da presença de gravuras na porção sudoeste do Estado, possivelmente no médio Jari.

A outra indicação é de gravuras em pequenos blocos dispersos. O local é conhecido pelos povos indígenas da região do Oiapoque (porção norte do Estado) e está dentro da Terra Indígena Uaçá. Nós tivemos acesso a fotografias do local, que foi visitado por turmas de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Recentemente, no entanto, moradores da aldeia próxima ao local expressaram incômodo com uma divulgação não autorizada de imagens das gravuras⁷, e por este motivo não divulgaremos imagens aqui.

Um ponto interessante sobre estas gravuras no extremo norte do Amapá é justamente sua implantação na paisagem, que difere dos outros locais aqui apresentados. As gravuras foram feitas nas laterais de blocos de rocha que afloram no terreno, em uma área de declive na encosta, não estando junto ao rio. Estes blocos são de dimensões medianas, aparentemente com cerca de 50cm de lado. No que tange os temas, as figuras que vimos são de rostos ou cabeças humanas e lembram as pinturas de rostos da cerâmica Aristé, presente nesta região (MEGGERS, EVANS, 1957; ROSTAIN, 2011; SALDANHA, CABRAL, 2016). É importante destacar ainda que o motivo antropomorfo com expressões faciais é um tema característico da chamada Tradição Amazônia (PEREIRA, 1996, 2004b).

ARRANJOS DE BLOCOS SOBRE LAJEDO

Mitaraka

O sítio do maciço de Mitaraka foi identificado por Michel Hurault em 1956, que visitou o local na companhia de indígenas Wayana (HURAUULT, FRENAY; RA-OUX, 1963). O sítio está localizado na fronteira com a Guiana Francesa, por onde foi acessado. É uma região de floresta equatorial com amplos maciços rochosos que despontam entre a vegetação. Sobre um destes maciços (Mitaraka), foram registrados vários arranjos de pequenos blocos de rocha, formando figuras antropo e zoomorfas, além de alinhamentos (p.163-166).

Mais recentemente, Marlène Mazière voltou à área, registrando um total de 25 estruturas de arranjos neste sítio, observando variações nos modos de construção: “pequenos blocos ou grandes blocos e blocos espaçados ou blocos ajuntados” (MAZIÈRE, 1997, p.121). Mazière destaca ainda que prospecções preliminares no entorno do maciço de Mitaraka não resultaram na identificação de outros vestígios arqueológicos (p. 117).

Hurault e colegas fizeram uma estimativa de datação deste sítio em função da fragilidade das estruturas (facilmente desmontáveis), da ausência de destacamentos naturais da rocha junto às estruturas e também pela presença de plantas cultivadas que

teriam retornado ao modo selvagem, concluindo que o mesmo não deveria ser anterior ao século XVIII (HURAUULT, FRENAY; RAOUX, 1963, p. 166).

Caraná 1

Em outra região do estado do Amapá, a quase 400km de distância no sentido sudeste de Mitaraka, uma equipe de arqueologia do IEPA registrou outro conjunto de arranjos de blocos sobre lajedo, ao realizar um diagnóstico arqueológico para uma mineradora (SALDANHA *et al.*, 2011). O sítio Caraná 1 (Figura 11) está localizado no município de Mazagão, também em área de floresta equatorial. No entanto, os lajedos onde foram identificados os arranjos não estão sobre maciços com visibilidade do entorno.



Figura 11: Sítio Caraná 1.
Legenda: A, B: Exemplos de arranjos em formato linear.
Fonte: fotos do acervo IEPA.m

A equipe identificou seis arranjos, todos na forma de alinhamentos. Eles estão situados sobre o mesmo afloramento, alinhados aproximadamente no sentido Leste-Oeste. As distâncias entre eles variam entre 30 e 90 metros, e o conjunto completo estende-se por cerca de 300 metros. Dois arranjos estavam cobertos com vegetação rasteira e não puderam ser observados com muito cuidado. Entre aqueles que foram registrados com maior precisão, temos um arranjo formado por apenas 12 blocos, e outro que chega a alcançar 30m de extensão.

Os blocos são pequenos, chegando a medir 15cm de altura por 35cm de lado, facilmente movimentados por uma pessoa (Figura 11). É interessante ressaltar que os únicos blocos aparentes nestas porções do lajedo são aqueles que compõem a estrutura.

Não foram identificados outros vestígios arqueológicos associados aos arranjos. No entanto, na área percorrida pela equipe, de cerca de 3km X 1km, foram identificados outros dez sítios líticos e cerâmicos, aparentemente pré-coloniais. Apesar deste material arqueológico não ter sido coletado, impedindo análises mais acuradas, as decorações identificadas parecem similares ao material conhecido da Fase Mazagão (MEGGERS; EVANS, 1957).

ARRANJOS DE BLOCOS SOBRE O SOLO

Sítio da Cobra

O primeiro sítio de arranjos de bloco sobre o solo que foi registrado no Amapá é o Sítio da Cobra (Figura 12). Ele foi identificado durante as atividades de prospecção arqueológica na mineradora Zamapá (CABRAL *et al.* 2013). Como mencionado mais acima, este tipo de sítio ainda parece ter uma distribuição restrita às áreas de savana na porção centro-leste do Estado, e está relacionado espacialmente aos lajedos gravados.

Durante as prospecções arqueológicas nesta área, foram identificados – além dos sítios de arte rupestre – outros nove sítios lito-cerâmicos (CABRAL *et al.* 2013). A cerâmica não apresentou decorações. Como não foram realizadas atividades de resgate nos sítios com cerâmica, o material coletado não permitiu associações com outros conjuntos já descritos. O Sítio da Cobra foi o único sítio resgatado até o momento⁸.

A identificação inicial do sítio foi realizada por trabalhadores da mineradora que eram moradores da região e conheciam o ambiente, o que os levou a concluir que o arranjo de blocos era antigo. O formato do arranjo – uma linha levemente sinuosa com uma estrutura aparentemente circular em uma ponta – levou-os ao nome de Sítio da Cobra. Em função das ações de educação patrimonial e de um ambiente de trabalho simpático à arqueologia, eles mostraram o local à equipe.

Os três sítios deste tipo registrados estão em áreas de savana, sobre colinas, e em locais com afloramentos de blocos graníticos e de quartzo. Estes são os blocos utilizados para a construção dos arranjos. À semelhança dos sítios de arranjos de blocos sobre lajedo, também neste caso o tamanho dos blocos permite movimentação por apenas uma pessoa. À diferença daqueles sítios, no entanto, o processo natural de deposição do solo lentamente fixa os blocos, ainda que de modo precário.

O Sítio da Cobra é um arranjo formado por centenas de blocos, com quase 35m de comprimento máximo, orientado aproximadamente no sentido Sudoeste-Nordeste (Figura 12). O extremo nordeste pareceu parcialmente alterado, mas os blocos sugerem a existência de uma forma circular. De fato, a porção nordeste da figura, a partir de uma ruptura formada por dois traços paralelos é a que parece mais desorganizada em comparação ao restante do arranjo (Figura 12).

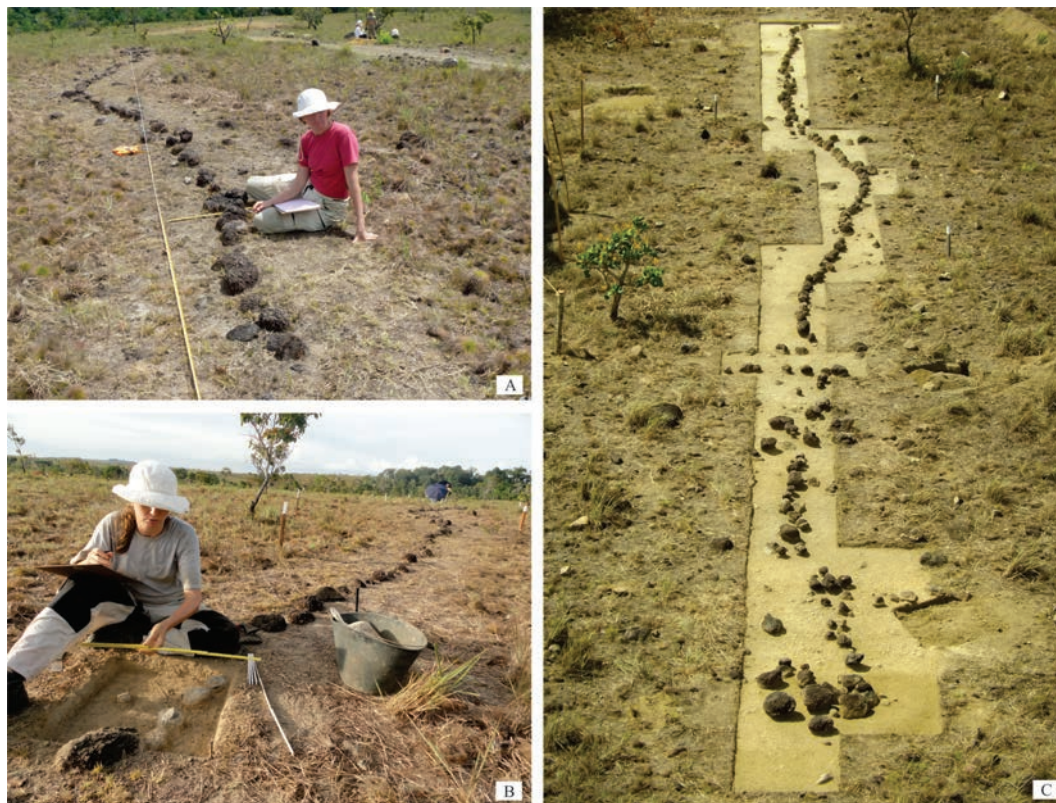


Figura 12: Sítio da Cobra
 Legenda: A,B – atividades de registro. C – vista aérea da estrutura totalmente evidenciada com a escavação, a partir do lado Nordeste.
 Fonte: fotos do acervo IEPA.

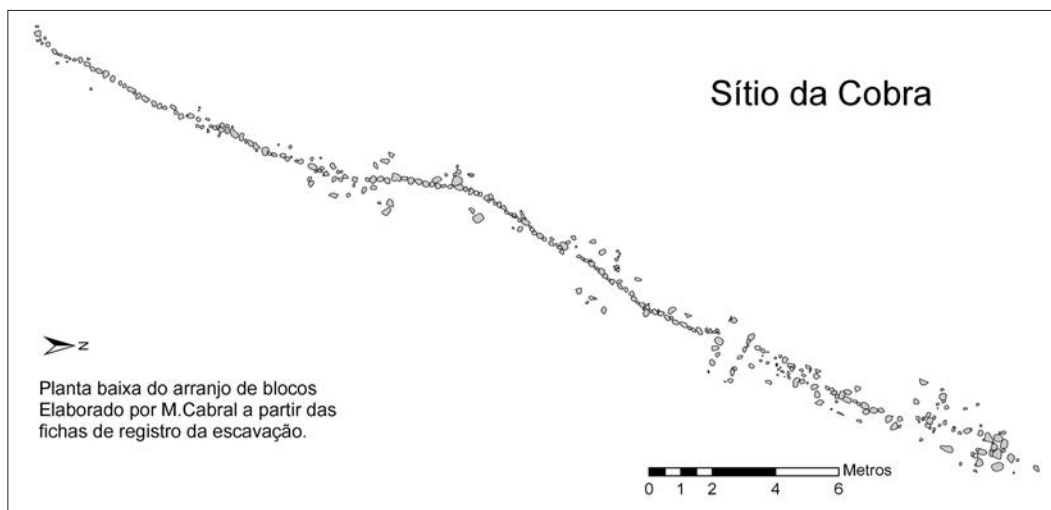


Figura 13: Planta baixa do Sítio da Cobra

As atividades de registro e resgate deste sítio contaram com percorridos intensivos do terreno para identificação de vestígios em superfície, abertura de dez poços-teste de 1m² e escavação integral da estrutura (com a coleta de todos os blocos com registro espacial). Foram encontrados apenas 10 fragmentos cerâmicos, sem decoração e bastante erodidos, sendo sete oriundos de um poço-teste distante mais de 40m da estrutura, e três coletados em superfície (o mais próximo a cerca de 10m de distância da estrutura). Também foram

coletadas cerca de 200 peças líticas, porém muitas podem ser estilhas naturais de quartzo. Este material ainda não foi analisado. Na escavação da estrutura, não foram encontrados outros vestígios arqueológicos, nem mesmo fragmentos de carvão.

As escavações permitiram perceber que os blocos foram depositados originalmente quase que inteiramente sobre uma camada laterítica, que estava a cerca de 5cm de profundidade. Apenas alguns blocos tiveram suas bases um pouco mais profundas, especialmente na porção nordeste, na área da suposta cabeça da Cobra. Nesta porção, havia blocos maiores (com cerca de 40cm de comprimento) e suas bases chegaram a alcançar profundidades de até 10cm abaixo da camada laterítica. Não foram identificadas estruturas de fundação (alvéolos) para estes blocos. No geral, os blocos que compõem a Cobra tinham cerca de 20cm de comprimento.

Zamapá 9

O sítio Zamapá 9 também foi identificado durante as atividades de prospecção arqueológica para a mineradora Zamapá (CABRAL *et al.* 2013). Ele está localizado a cerca de 4km a leste do Sítio da Cobra, sobre um declive suave. Neste sentido, ele difere do Sítio da Cobra, que está em uma área plana. O sítio é formado por um longo arranjo de blocos, com cerca de 100 metros de extensão, formando uma linha com pequenas sinuosidades (Figura 14). Os blocos utilizados na construção desta estrutura parecem um pouco maiores do que aqueles majoritariamente usados no Sítio da Cobra (com cerca de 20cm), porém como não houve mapeamento detalhado desta estrutura, esta observação carece ainda de dados precisos. De acordo com as informações da mineradora, esta área não será impactada pelo empreendimento.



Figura 14: Sítio Zamapá 9 - Duas vistas do arranjo em forma de alinhamento, subindo (A) e descendo (B) o declive
Nota: fotos do acervo do IEPA.

Sítio das Figuras

O Sítio das Figuras foi registrado durante as atividades de resgate arqueológico na mineradora Zamapá. Ele está situado a cerca de 3km ao norte do Sítio da Cobra, em terreno fora da área da empresa. Sua identificação foi feita por trabalhadores da Zamapá que percorriam a área para monitoramento ambiental. Nos parece que a atitude destes trabalhadores (tanto na identificação do sítio quanto em nos informar sobre ele) está em parte relacionada com a visibilidade que o Sítio da Cobra teve no empreendimento, com realização de inúmeras visitas guiadas pela nossa equipe.

Este sítio está situado sobre uma área alta e relativamente plana, porém bem próxima à borda de declive. Ele é formado por diversos arranjos em várias formas (Figura 13). Diferentemente dos outros dois sítios deste tipo (Sítio da Cobra e Sítio Zamapá 9), este tem formações figurativas, além das linhas sinuosas.

Para a construção das formas figurativas, que por hora identificamos como antropomorfos, notamos uma variação da técnica usada na construção das linhas. Estas últimas são formadas pela disposição de blocos lado a lado, raramente sobrepostos. Esta técnica é a mesma que observamos na construção dos outros dois sítios apresentados acima. No entanto, os troncos das figuras antropomorfas foram construídos com verdadeiros amontoados de blocos (Figura 15 - B,C), criando uma protuberância no terreno, que difere das linhas inclusive na nossa percepção sobre elas. Ligados aos troncos, braços e pernas foram construídos como linhas, em alguns casos como se estivessem em movimento (linhas com ângulos). As cabeças podem ser formadas por um único bloco ou um pequeno conjunto.



Figura 15: Sítio das Figuras

Legenda: A- arranjo em forma de linha sinuosa. B, C- arranjos com formas antropomorfas.

Nota: fotos: Acervo do IEPA.

Assim como no sítio Zamapá 9, não foram realizados registros detalhados destes arranjos, carecendo de dados mais precisos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta neste artigo foi de apresentar o panorama atual sobre sítios com arte rupestre no Estado do Amapá, assumindo nossa falta de especialidade neste tema. Neste sentido, nosso intuito foi de demonstrar o potencial para a intensificação das pesquisas em arte rupestre nesta porção da Amazônia.

Como mencionamos no início do texto, reconhecemos que parte das limitações no registro deste tipo de sítios pode estar relacionada com estratégias de pesquisa que não favorecem sua identificação, ainda que sejam estratégias eficientes para o registro de outros tipos de sítios arqueológicos, tendo em vista resultados expressivos alcançados na última década (SALDANHA; CABRAL, 2012). De qualquer modo, pensamos que também seja possível que sítios de arte rupestre não sejam de fato tão numerosos nesta porção da Amazônia quanto em regiões vizinhas. Neste contexto, torna-se ainda mais relevante o investimento em pesquisas sistemáticas neste tema, justamente buscando tornar mais evidentes os motivos pelos quais a presença de arte rupestre no Estado do Amapá é, neste momento, tímida.

Apesar da limitação numérica do conjunto conhecido hoje destes sítios no Amapá, observamos aqui que há diversidades interessantes entre eles, sobre as quais vale a pena retomarmos alguns aspectos.

A descrição utilizada aqui na distinção dos sítios teve como sustentação a variação das técnicas empregadas na sua construção/constituição. Optamos, seguindo o que tem sido feito nesta porção da Amazônia (HURAUULT, FRENAY, RAOUX, 1963; ROSTAIN, 1987; MAZIÉRE, 2008; PEREIRA, 2017), em considerar sítios de arranjos de blocos também como expressões de arte rupestre, porém distinguindo estes dos chamados sítios megalíticos (CABRAL, SALDANHA, 2008). Assim, temos expressões em pintura, em gravura e nos arranjos, que poderíamos chamar de um tipo de escultura, por constituir estruturas tridimensionais.

É interessante destacar que os sítios de arranjos têm uma precibilidade peculiar, já que são formados por blocos de fácil mobilidade e sem fixação no solo, o que é ainda mais sensível nos arranjos sobre lajedos. Apesar disso, notamos sua preservação, talvez em função de estarem em áreas com pouco acesso de pessoas. Também chama a atenção a distância expressiva entre os dois sítios deste tipo (Mitaraka e Caraná 1), de cerca de 380km. Considerando que a região entre ambos é constituída por um grande parque nacional, terra indígena e outras áreas de proteção ambiental, que são zonas com vegetação de floresta equatorial bem preservada, podemos imaginar que outros sítios do mesmo tipo estejam dispersos pela área. Porém, as dificuldades de acesso a estas áreas ainda devem dificultar a realização de prospecções mais intensivas.

No que tange, ainda que de modo superficial, os motivos presentes nestes sítios, notamos uma mistura de figurativos e não-figurativos (alinhamentos). Nos dois sítios de arranjos sobre lajedos, há motivos de linhas, no entanto apenas no primeiro aparecem também figuras humanas e animais. De modo similar, nos arranjos de blocos sobre o solo, há sítios só com alinhamentos e sítios com composições. Uma distinção também foi observada no modo de construção de linhas e figuras humanas, com empilhamento de blocos na produção dos troncos humanos, enquanto que as linhas são

formadas praticamente sem sobreposição das rochas. Na falta de estudos sistemáticos destes sítios, esta observação fica apenas como um registro dessa variabilidade.

Sobre os sítios com pinturas, apesar de estarem espacialmente afastados entre si (o Complexo do Buracão do Laranjal fica a cerca de 130km de distância do sítio Pedra do Pião), é interessante observar que apenas a cor vermelha foi observada, apesar de referências mais antigas sobre pinturas também em branco no entorno do Complexo do Buracão (FARABEE, 1916 *apud* MEGGERS; EVANS, 1957). No entanto, vale destacar que a Pedra do Pião tinha condições de preservação bastante precárias, o que dificultou inclusive seu registro. Neste sentido, não está evidente se outras pinturas poderiam ter se apagado.

O caso da Pedra do Pião também é interessante porque seu registro foi resultado de uma prospecção intensiva e sistemática em uma ampla área (cerca de 50km de extensão ao longo do rio Araguari), porém sem identificação de qualquer outro vestígio de arte rupestre. Neste contexto, confiamos que as estratégias de investigação foram eficientes e que de fato a presença de arte rupestre nesta área deve de fato ser mínima. Com isso, temos um contraste forte com o Complexo do Buracão do Laranjal, onde foram registrados vários abrigos com pinturas, ainda que concentrados em uma faixa de cerca de 500m de extensão.

No que tange as gravuras, notamos uma dispersão no sul, centro e norte do Amapá. Ainda que comparações estilísticas sejam complicadas, podemos fazer comparações sobre a implantação destes sítios na paisagem. A referência no Rio Jari aponta para um sítio em cachoeira, um padrão identificado em outras porções da Amazônia (MAZIÈRE, 1997; PEREIRA, 2004a; VALLE, 2012). Já no Oiapoque, as gravuras estão em blocos de médio porte em uma encosta. Nestes dois casos, são áreas de cobertura florestal. Já no sítio da Pedra do Índio e nos outros lajedos no entorno, a cobertura vegetal é de savana, e os lajedos estão em colinas dispersas na paisagem. Destes quatro sítios nessa área de savana, notamos ainda dois tipos de implantação na paisagem: sítios com limitada visibilidade do entorno, e sítios com boa visibilidade do entorno (sendo que estes têm também formações rochosas em matacões). Estudos comparativos entre estes sítios poderiam contribuir para interpretações sobre estas variações.

Esperamos que este breve panorama sobre sítios de arte rupestre no Amapá tenha mostrado o potencial que esta temática tem, apontando para variabilidades nas técnicas empregadas, na implantação dos sítios na paisagem, na concentração ou dispersão de sítios e também nos ambientes em que estes sítios aparecem. Seguimos cientes das limitações deste trabalho no que tange, em especial, discussões sobre os estilos, os motivos e possibilidades de conexão com outros contextos mais estudados. Apesar disso, entendemos que a apresentação destes sítios ocorre em um momento importante, em que pressões de diferentes grupos político-econômicos pairam sobre a proteção do patrimônio cultural no Brasil, colocando em risco os mecanismos protetivos (mesmo que precários) em uso. Deste modo, ampliar a circulação sobre o conhecimento destes sítios pode ser mais um meio de garantirmos sua proteção.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o convite e incentivo de Edithe Pereira para a elaboração deste texto, que de outro modo talvez não houvesse se concretizado. Agradecemos em especial à equipe do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do Instituto de Pesquisas Cien-

tíficas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), em seus múltiplos colaboradores e colaboradoras ao longo dos anos, por sua disposição, empenho e dedicação.

A BRIEF PROSPECT ON ROCK ART IN THE STATE OF AMAPÁ

Abstract: archaeology in Amapá has drawn attention from researchers and curious since 19th century. However, it is intriguing how rock art studies have achieved low relevance in Amapá, especially when considered in comparison to neighbour areas, as State of Pará and French Guiana. In this article we offer an up-to-date prospect of rock art sites, taking recent records made during fieldwork as much as the few published accounts on these sites in Amapá. We also added two short reports collected among indigenous people, although we lack more information. We emphasize that this synthesis aims at contributing for a larger assessment of rock art sites in Amazonian Archaeology and in Amapá more specifically.

Keywords: *Rock Art. Amazonian Archaeology. Guyane Archaeology.*

Notas

- 1 Na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Amapá (CEPAP) foi formalizado em 2004. No Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA), o Núcleo de Pesquisa Arqueológica iniciou suas atividades em 2005.
- 2 Como usado na bibliografia portuguesa referente ao megalitismo (CALADO, 2002).
- 3 Este sítio de gravuras registrado por Pereira (2004b) fica próximo à cidade de Ferreira Gomes e é muito conhecido no Estado do Amapá, sendo um local regularmente visitado por turistas e curiosos.
- 4 Seguindo aqui as nomenclaturas mais recentes sobre a cobertura vegetal nesta região do Amapá (COSTA NETO, 2014).
- 5 A denúncia foi feita pela equipe coordenada por Sílvio Figueiredo, Edithe Pereira e Marcia Bezerra, que participava de uma visita a esta região em função de um projeto para socialização de sítios arqueológicos na Amazônia, financiado pelo IPHAN (ver FIGUEIREDO, PEREIRA; BEZERRA, 2010). M. Cabral e J. Saldanha participaram desta equipe. L. Leite denunciou novamente o empreendimento ao IPHAN em 2013, quando as torres estavam sendo construídas. O IPHAN realizou uma vistoria no local em 2013, para compor a avaliação do projeto de arqueologia que acompanhou a instalação do empreendimento, mas não temos informações sobre os desdobramentos.
- 6 De fato, apenas o sítio Lajedo Gravado 4 está dentro da área da mineradora, mas também não será impactado pelo empreendimento.
- 7 Não temos conhecimento de como foi realizada esta divulgação, nem sobre os responsáveis, mas ao consultar as pessoas que nos mostraram as fotografias deste local, buscando justamente orientações para uso das mesmas, fomos informados sobre este caso.
- 8 Em 2014, com uma crise no mercado de ferro, a mineradora parou a produção e interrompeu o projeto de resgate arqueológico. Não temos informações sobre a retomada das atividades.

Referências

- BRANDT AMAZONIA. Zamapá Mineração S/A - Estudo de Impacto Ambiental - *Projeto Tracajatuba*. v. 1. Belém: Brandt Meio Ambiente Amazônia LTDA, 2010.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy Moura. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia SAB*, v. 21, p. 9-26, 2008.
- CABRAL, Mariana Petry et al. *Programa de Levantamento e Resgate Arqueológico da Zamapá Mineração S.A., Municípios de Tartarugalzinho e Ferreira Gomes, AP - Relatório Final*. Macapá: IEPA, 2013.

- CABRAL, Mariana Petry. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPA, Belém, 2014.
- CALADO, Manuel. *Menires do Alentejo Central*. Tese (Doutorado) - Centro de Arqueologia/ FLUL - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2002.
- CHMYZ, Igor. Abordagens arqueológicas na Amazônia. *Arqueologia - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas UFPR*, v. 9, p. 1-16, 2006.
- COSTA LEITE, Lucio Flavio Siqueira. *Pedaços de pote, bonecos de barro e encantados em Laranjal do Maracá, Mazagão - Amapá: Perspectivas para uma Arqueologia Pública na Amazônia*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UFPA, Belém, 2014.
- COSTA NETO, Salustiano Vilar. *Fitofisionomia e florística de savanas no Amapá*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias - UFRA/EMBRAPA, Belém, 2014.
- COUDREAU, Henri A. La france equinoxiale. T.1. Etudes sur les Guyanes et l'Amazonie. T.2. Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie, Paris: Challamel, 1886-87.
- EVANS, Clifford. *The archaeology of the territory of Amapá, Brazil (Brazilian Guiana)*. Tese (Doutorado) - Department of Anthropology - Columbia University, 1950.
- FERREIRA PENNA, Domingos Soares. Urnas do Maracá. *Archivos do Museu Nacional*, v. 2, p. 69-71, 1879.
- FIGUEIREDO, Sílvio, PEREIRA, Edithe da Silva; BEZERRA, Marcia. *Projeto básico e especificações técnicas para elaboração de projetos de socialização de sítios arqueológicos na Amazônia: musealização, educação e turismo. Parte 2 - Maracá*. Belém: UFPA/ MPEG/ IPHAN, 2010.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Levantamento histórico-cultural Parque Montanhas do Tumucumaque*. Ministério do Meio Ambiente/ Fundo Brasileiro para a Biodiversidade/ Projeto Áreas Protegidas da Amazônia, 2008.
- GOELDI, Emílio. Excavações archeologicas em 1895. 1ª parte: As Cavernas funerarias artificias dos indios hoje extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. *Memórias do Museu Goeldi*, p.1-45+estampas, 1905.
- GUAPINDAIA, Vera; MACHADO, Ana Lucia. O potencial arqueológico da região do rio Maracá, Igarapé do Lago (AP). *Boletim do MPEG* -, v.13, 1997. (Série Antropologia).
- GUAPINDAIA, Vera. Prehistoric funeral practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. In: SILVERMAN, Helaine & ISBELL, William H. *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008. p: 1005-1026.
- HILBERT, Klaus Peter; BARRETO, Mauro Viana. *Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.
- HILBERT, Peter Paul. Contribuição à arqueologia do Amapá: Fase Aristé. *Boletim do MPEG*, Antropologia, v. 1, 1957.
- HURAUULT, J., FRENAY, P. ; RAOUX, Y. Petroglyphes et assemblages de pierres dans le sud-est de la Guyane Française. *Journal de la Société des Américanistes*, v.Tome II, p.157-166, 1963.

LIMA GUEDES, Aureliano Pinto. Relatório sobre uma missão ethnographica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Guyana Brasileira). *Boletim do Museu Paraense*, v. 2, p. 42-64, 1897.

MAZIÈRE, Marlène. *Art rupestre amérindien en Guyane Française*, Matoury: Ibis Rouge, 2008.

MAZIÈRE, Marlène. L'art rupestre amérindien de Guyane. In: MAZIÈRE, Guy. *L'archéologie en Guyane*. Ministère de la Culture - Sous-Direction de L'Archéologie/ Conseil Régional de Guyane/ Edition APPAAG, 1997. p. 101-130.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, v. 167, p. 1-664, 1957.

NIMUENDAJÚ, Curt. In pursuit of a past Amazon - archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. In: STENBORG, Per. *In Pursuit of a Past Amazon - Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region by Curt Nimuendajú: A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg*. Goteborg: Ethnological Studies, 2004. p. i-380.

PEREIRA, Edithe da Silva. *Arte rupestre na Amazônia – Pará*. São Paulo: UNESP, 2004a.

PEREIRA, Edithe da Silva. *Las pinturas y los grabados rupestres del noroeste de Pará - Amazônia - Brasil*. Tese (Doutorado) - Departamento de Arqueologia e Pré-história - Universidade de Valência, Valencia, 1996.

PEREIRA, Edithe da Silva. Três sítios com arte rupestre no Amapá, Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 14, p.367-377, 2004b.

PEREIRA, Edithe. Maravillas impresas en piedras: el arte rupestre de la Amazonía. In: ROSTAIN, Stephen & BETANCOURT, Carla Jaime. *Las siete maravillas de Amazonía precolombina*. Bonn: Institut für Archäologie und Kulturanthropologie/ Universität Bonn, 2017. p. 152-183.

PROUS, André. Arqueologia brasileira, Brasília, DF: Editora da UnB, 1992.

ROSTAIN, Stephen. Que hay de nuevo al norte: apuntes sobre el Arísté. *Revista de Arqueologia SAB*, v. 24, n. 11, p. 10-31, 2011.

ROSTAIN, Stephen. Roche gravées et assemblées de pierres en Guyane française. *Equinoxe*, v. 24, p. 29-69, 1987.

SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Estruturas rituais pré-coloniais na costa do Amapá. *Habitus*, v. 14, n.1, p. 73-86, 2016.

SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA: um balanço da sua contribuição ao Estado do Amapá nos seus sete anos de existência. In: OLIVEIRA JR, Augusto de & GAZEL, Larissa. *IEPA - Contribuições para o desenvolvimento sustentável no Amapá*. Macapá: GEA/IEPA, 2012. p. 81-93.

SALDANHA, João Darcy de Moura & CABRAL, Mariana Petry. *Relatório Final de Campo dos Resgates Arqueológicos dos Sítios Registrados no Canteiro de Obras e Reservatório da UHE Cachoeira Caldeirão, AP*. Macapá: IEPA, 2015.

SALDANHA, João Darcy de Moura, CABRAL, Mariana Petry; CALADO, Manuel. *Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial junto a Obras da UHE Cachoeira Caldeirão - Relatório Final de Prospecção*. Macapá: IEPA, 2014.

SALDANHA, João Darcy de Moura, CABRAL, Mariana Petry, PEREIRA, Daiane, FRANÇA, Deyse & LEITE, Lúcio Flávio Siqueira Costa. *Diagnóstico sobre o potencial arqueológico em áreas da Adstone Brasil Mineração Ltda, Vila Maracá (Município de Mazagão - AP)*. Macapá: IEPA, 2011.

SIMÕES, Mário F; ARAÚJO COSTA, Fernanda. Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações Avulsas do MPEG*, v.30, p.160, 1978.

VALLE, Raoni. *Mentes graníticas e mentes areníticas: fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/ Museu de Arqueologia e Etnologia) - USP, São Paulo, 2012.

VIALOU, Denis. Rock Art, Forms of. In: SMITH, Claire (Ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York, Heidelberg, Dordrecht, London: Springer, 2014. p. 6362-6372.